

Ao chegar mais uma edição da O&S às mãos dos leitores, renovam-se as expectativas de acesso a um conjunto de contribuições ao conhecimento na área de Administração.

Começamos esta edição com o artigo de Joysi Moraes que discute a possibilidade da autogestão como instrumento para organizar a contra-hegemonia ao sistema dominante. Baseado no argumento gramsciano, o artigo pontua a construção da (contra)hegemonia a partir da organização do consentimento, sem qualquer recurso à violência ou à coerção, isto é, pela construção ideológica. O objetivo da contribuição é mostrar que organizações com propostas autogestionárias já trazem o gérmen da contra-hegemonia, pautadas que são por relações horizontais e democráticas, rompendo com as relações hierárquicas, assimétricas e clientelistas que marcam as estruturas hegemônicas.

Em linha convergente a este artigo, chega-nos de Édi Augusto Benini e Elcio Gustavo Benini contribuição sobre o processo de autogestão no capitalismo a partir do exame da economia solidária. Ao questionarem o conceito de alienação e a busca por sua superação, os autores balizam seu trabalho na perspectiva de totalidade, centralidade do trabalho e o capital, enquanto relação social predominante. Percebem os autores que a formação de empreendimentos coletivos de trabalhadores surge em momentos de crise estrutural do capitalismo, e notam, também, a presença de contradições nesses empreendimentos, sendo a autogestão restrita e subalterna.

Já o artigo de Breno A.D. Pereira, Vanessa H. Wottrich, Marlon Dalmoro e Jonas C. Venturini aborda a questão da Responsabilidade Social Empresarial (RSE), objetivando identificar como as maiores empresas da indústria de construção civil do Brasil, Suécia e Tailândia se comportam nesse quesito. Os resultados auferidos indicam que as motivações para a efetuação da SER são baseadas predominantemente em valores. A pesquisa mostrou, ainda, distinções entre as empresas dos três países analisados: enquanto as suecas possuem foco na questão ambiental, as tailandesas, na perspectiva econômica através da governança corporativa e accountability, e as brasileiras focam na perspectiva social.

De Ivan Pinheiro, Luciano Vieira e Paulo Cesar D. Motta vem-nos, resultado da investigação sobre as pontes entre Literatura e Gestão, um artigo que busca realçar algumas das contribuições do mundo das artes para a área de estudos organizacionais. O estudo aponta no sentido de desenvolver e aprimorar competências necessárias às futuras atividades do acadêmico de Administração, bem como para o profissional do ambiente corporativo. O estudo baseia-se na ampliação das perspectivas de ensino e aprendizagem ao mobilizar outros recursos além dos tradicionais.

Valorizando a estratégica área ambiental, a O&S traz o artigo de Maria Gracinda Carvalho Teixeira que se volta para os impasses na constituição do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), observáveis na ação de uma empresa brasileira de geração de energia elétrica com resíduos sólidos urbanos. O artigo parte da constatação da existência de barreiras para a efetivação do Protocolo de Quioto na realidade brasileira, apesar da adesão ao mesmo por parte do país. A autora identifica a presença de aspectos de natureza político-institucional por parte dos países que afetam o comprometimento com o mesmo. Os resultados da pesquisa apontam no sentido da necessidade de aprofundar as matrizes teóricas de abordagem institucional e suas interfaces com outras abordagens que tratam do poder nas dimensões público-privado e nas esferas global-local, evidenciando a complexidade da questão.

O artigo de Mino Correia Rios e Sônia Maria Guedes Gondim assesta seu olhar para o tema da terceirização, ao focar nos contratos psicológicos de traba-

lho de trabalhadores terceirizados e não-terceirizados que exercem funções semelhantes nas mesmas organizações. Ao analisar 105 trabalhadores terceirizados de um total de 210 trabalhadores do setor terciário, os resultados apontaram que trabalhadores terceirizados e não-terceirizados possuem diferentes padrões de contratos psicológicos, sobretudo se atuam em empresas públicas ou particulares. As diferenças mostraram-se mais expressivas em relação ao investimento segundo uma relação de trabalho duradoura, na expectativa de equidade e na transparência em relação a anseios e problemas, da parte dos não-terceirizados.

Ilse Maria Beuren e Edson Roberto Macohon voltaram seu interesse para a análise da institucionalização de hábitos e rotinas na contabilidade gerencial, no período 2003/07, em indústrias do pólo moveleiro de São Bento do Sul/SC, cobrindo as 73 indústrias de porte médio associadas ao SINDUSMOBIL. Os resultados da pesquisa mostram mudanças nas atividades realizadas pela contabilidade gerencial, redução do tempo dedicado às atividades mecanicistas e maior tempo às de suporte à gestão. Essas mudanças implicaram na institucionalização de novos hábitos e rotinas sendo que, em algumas indústrias, com maior e outras com menor intensidade na contabilidade gerencial.

Ainda da área de Contabilidade Gerencial vem o artigo de George Anthony Necyk e Fábio Frezatti que despertam a investigação de como a Contabilidade Gerencial se desenvolve ao longo do tempo em uma organização, tomando como base o modelo de estágios de ciclo de vida de Miller e Friesen (1984), para organizações em geral, e o trabalho de Greenwood e Hinings (1993, 1996) que trata da dinâmica de transição entre estágios organizacionais, ambos baseados na Teoria da Configuração. A pesquisa baseou-se em um estudo de caso único, justificado pela complexidade do tema e pela abordagem longitudinal retrospectiva. A empresa estudada foi uma indústria de transformação com mais de 40 anos de existência. Em um horizonte de análise de 15 anos, o estudo constatou como a evolução dos estágios de ciclo de vida afeta o desenvolvimento da Contabilidade Gerencial: dentro do mesmo estágio, aprofundando as características das soluções existentes, e na transição entre estágios distintos, alterando as soluções e introduzindo novas características.

Percebe-se pelo conjunto de artigos elencados uma pluralidade, diversidade de objetos de pesquisa, todos gravitando em torno da temática das organizações e da sociedade e suas interfaces com várias áreas de conhecimento, evidenciando a complexidade cada vez maior da realidade contemporânea.

Na seção Documento, a O&S presta uma homenagem ao Prof. Clóvis Machado-da-Siva.

Aos leitores desejamos que aproveitem bem os artigos aportados nesta edição 55 da O&S.

Saudações Editoriais

José Antonio Gomes de Pinho
Editor O&S

Índice de Endogenia desta edição (artigos por professores/alunos da instituição: Escola de Administração/UFBA: NPGA e CIAGS): 1 (em 8): 12,5%.

Índice de Endogenia Acumulado (calculado desde o número 42): 14,4%.